DOI: 10.20396/cel.v67i00.8679885

A COLETA DE DADOS EM RIKBAKTSA (MACRO-JÊ) E A PESQUISA DE CAMPO FALANTE-FALANTE

DATA COLLECTION IN RIKBAKTSA (MACRO-JÊ) AND SPEAKER-TO-SPEAKER FIELDWORK

Laiara Machado Serafim[1]
Roberta Pires de Oliveira[2]
Leia de Jesus Silva[3]
João Tsaputai[4]
Helena Loch de Oliveira[5]

Resumo: O artigo descreve a experiência e os resultados da coleta de dados em Rikbaktsa (Macro-Jê), como parte do projeto Pró Humanidades do CNPq, intitulado "*(In)definitude da perspectiva das línguas subrepresentadas*", que utilizou o questionário sobre (in)definitude e sobre genericidade de Dayal (*forthcoming*) como fio condutor. Na primeira etapa, traduzimos os contextos e os exemplos do questionário para o português, os adaptamos à cultura local, elaboramos sentenças correspondentes na língua e testamos hipóteses. Essa coleta primária contou com o consultor/pesquisador indígena e uma das pesquisadoras que é falante da língua. A segunda fase foi a elaboração de uma lista de sentenças na língua que, pareadas a situações ilustrativas, permitia avaliações positivas e negativas. Com elas criamos um jogo de sentenças e contextos. A pesquisa de campo foi então realizada pelo consultor com outros falantes da comunidade, funcionando como um jogo. Essa terceira etapa resultou em novas avaliações positivas, negativas e correções por parte dos falantes, seguindo-se a um quarto momento, em que esse material foi levado para a escola. A coleta contribui com a criação de um banco de dados com mais de 200 sentenças na língua, acompanhados por avaliações, com o levantamento de questões semânticas originais, com a prática de pesquisa de campo envolvendo os falantes da língua e, finalmente, com uma análise crítica dos limites do instrumento utilizado, o questionário de Dayal (*forthcoming*). Essas atividades se mostraram muito frutíferas para entendermos melhor a semântica através das línguas, para despertar a consciência metacognitiva dos falantes sobre sua própria língua e para a construção do material de coleta que poderá se transformar em material didático.
Palavras-chave: Coleta em semântica; Pesquisa de campo falante-falante; Rikbaktsa.

[1] Graduanda em Letras — Português pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: laiara.serafim@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-8770-2784.
[2] Professora na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: ropiolive@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4946-7205.
[3] Professora na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: leiajs@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8835-377X.
[4] Professor na Escola Estadual Indígena Myhyinymykytee Skiripi (município de Brasnorte, Brasil). E-mail: joaotsatuti@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-9462-3335.
[5] Graduanda em Letras — Português pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: oliveirahelena068@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0000-5559-7025.

Abstract: This article describes the experience and results of data collection in Rikbaktsa (Macro-Jê) as part of the CNPq's Pró Humanidades project. The project used Dayal's (in)definiteness and genericity questionnaire (forthcoming) as a guiding thread. In the first stage, we translated the contexts and examples into Portuguese, adapted them to the local culture, developed corresponding sentences in the language, and tested hypotheses. This primary data collection counted with the consultant and one of the researchers who is a native speaker. The second stage was developing a list of sentences in the language that, paired with illustrative situations, allowed for positive and negative evaluations. Using these, we created a sentence-context game. The consultant then conducted field research with other speakers, functioning as a game. This third stage resulted in new positive and negative evaluations, as well as corrections from the speakers. This led to a fourth stage, in which this material was taken to the school. The data collection contributed to the creation of a database of over 200 sentences in the language, accompanied by evaluations, the raising of original semantic questions, field research involving speakers of the language, and, finally, a critical analysis of the limitations of the instrument used, the Dayal questionnaire. These activities proved very fruitful to better understand the semantics across languages, to awaken speakers' metacognitive awareness of their own language, and to develop data collection material that can be transformed into teaching material.
Keywords: Data collection in semantics; Speaker-Speaker field research; Rikbaktsa.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O artigo descreve e avalia criticamente o percurso e os resultados da experiência que a equipe vivenciou na coleta de dados em semântica na língua Rikbaktsa (Macro-Jê). A equipe é composta por um consultor/pesquisador e professor de Rikbaktsa, uma pesquisadora falante da língua, uma semanticista e duas bolsistas de Iniciação Científica. A experiência é parte do projeto de pesquisa em semântica formal das línguas naturais, intitulado "A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas" (Pires de Oliveira 2022), cujo objetivo é compreender a variação no sistema nominal entre as línguas. O projeto envolve oito línguas: além do Rikbaktsa, outras cinco línguas sub-representadas — Wapichana (Aruak), Kaiowá (Tupi Guarani), Terena (Aruak), Mebengokre (Macro-Jê), e Portunõl — também inclui o Espanhol Rioplatense e o Português Brasileiro (Br), que é a língua franca. O fio condutor do projeto é o questionário de Dayal (*forthcoming*), que percorre os principais testes de definitude e de genericidade encontrados na literatura, com o objetivo de entender a semântica do sintagma nominal em línguas nuas, isto é, aquelas que não têm artigos. Adotar um mesmo questionário para todas as línguas é uma metodologia que viabiliza compará-las. Todas as línguas estudadas são marcadas para número, segundo o parâmetro do numeral em Chierchia (2021), isto é, todas elas têm morfologia distinguindo nomes contáveis que se combinam diretamente com os numerais de nomes de massa[6], mas elas diferem tanto na obrigatoriedade de marcação do plural quanto na presença de artigos e nominais nus.

A próxima seção apresenta um quadro da situação da língua e dos falantes Rikbaktsa. A terceira seção faz uma breve descrição da peculiaridade do dado em semântica e os desafios que as diferentes metodologias empregadas na sua coleta enfrentam. A quarta descreve a experiência da coleta realizada em quatro etapas. Finalmente, a última seção exibe um balanço dos vários aspectos dessa experiência a partir da perspectiva da língua estudada.

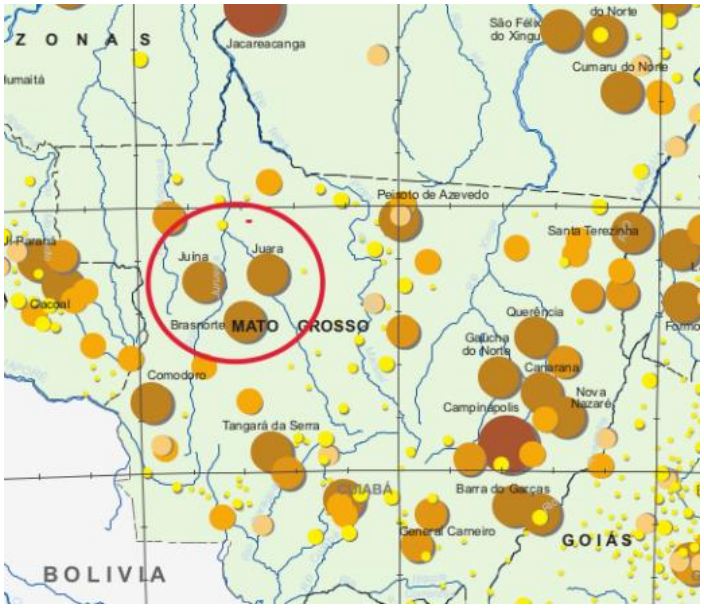
2 A LÍNGUA E O POVO RIKBAKTSA

A língua Rikbaktsa é falada pelo povo Rikbaktsa, que habita as bacias dos rios Juruena, Sangue e Arinos, no norte de Mato Grosso (MT), em terras de antigos conflitos. Seu território se divide em três terras indígenas: Erikbatsa, Japuíra e Escondido,

[6] Ver Dellai *et al*. (2021) para o Rikbaktsa. Para as demais línguas ver Lima & Rothstein (2020).

localizadas nos municípios de Brás Norte, Juína e Juara. Nas três terras, o censo de 2010 indicou uma população total de 3.531 pessoas.

Figura 1 — Mapa indicando as terras indígenas do povo Rikbaktsa.



Fonte: IBGE (2025)

De acordo com Silva (2011), diversos fatores históricos — como a chegada dos seringueiros, o processo de pacificação iniciado por volta da metade do século XX e a atuação missionária — contribuíram para a interrupção da transmissão da língua Rikbaktsa às gerações mais jovens. Em registros anteriores, conforme também aponta Silva (2011), predominava o monolinguismo em português brasileiro (Br), especialmente entre as crianças e os jovens, sendo poucos os casos de bilinguismo. Atualmente, porém, como relatado pelo pesquisador indígena/consultor João Tsaputai, observa-se uma realidade marcada pelo bilinguismo, tanto entre adultos quanto entre crianças, que aprendem a língua indígena majoritariamente nas escolas das comunidades, ao mesmo tempo em que falam Br como primeira língua.

Embora o Rikbaktsa continue classificado como uma língua em perigo, evidências recentes apontam para um processo de revitalização linguística em curso. Com a atuação das escolas indígenas e a formação de docentes locais, as crianças passaram a incorporar mais a língua materna no seu cotidiano, como relatado pelo próprio professor consultor durante as entrevistas sobre o estado da língua na comunidade. No caso dos adultos, verifica-se uma variação significativa: há desde indivíduos bilíngues até aqueles monolíngues em Br ou com competência passiva em Rikbaktsa. Entre os idosos, observa-se a presença tanto de falantes monolíngues da língua indígena quanto de bilíngues.

A literatura sobre a língua e sua gramática é muito escassa. A ortografia foi implementada recentemente, da década de 1970, por Sheila Tremaine, missionária do Summer Institute of Linguistics, com o intuito de traduzir a Bíblia; e é ainda motivo de discussão entre os falantes, talvez porque, entre outros motivos, foi realizada por uma falante de inglês. Na apresentação de uma cartilha de alfabetização, os autores, entre eles Sheila Tremaine, afirmam que as letras ‘w’ e ‘h’ correspondem foneticamente a essas letras em inglês, uma língua que eles não dominam. Além das cartilhas, há também um dicionário, produzido pela missionária (Tremaine, 2007), os trabalhos de Bosoowd, e a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Silva (2005 e 2011, respectivamente).

Mais recentemente houve um aumento de artigos sobre a língua impulsionado pelo projeto de pesquisa Pró-Humanidades. Essa é uma língua tipologicamente rara, entre as razões para tal classificação está o fato de a língua dispor de uma forma feminina de pronome de primeira pessoa singular (Silva *et al*, 2024) e tem uma forma de demonstrativo especializada para nomes massivos (Delai *et al,* 2021). Nossa investigação mostrou a importância dos processos morfológicos de nominalização e predicativização para a expressão de genericidade e que não há quantificação nominal (Pires de Oliveira *et al,* 2024). Essas são algumas questões semânticas que precisam ser melhor exploradas.

3 A SEMÂNTICA E A COLETA DE DADOS

O projeto "A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas" procura compreender o significado dos sintagmas nominais a partir da perspectiva da semântica das línguas naturais, cujo objetivo maior é compreender a "competência" semântica que qualquer falante de uma língua tem para interpretar qualquer sentença da sua língua.[7] Essa é uma capacidade que as crianças demonstram possuir muito cedo e é inconsciente. Em geral, não pensamos sobre o que as sentenças significam, apenas usamos as sentenças nos mais diferentes contextos e com diferentes intenções. Refletimos menos ainda sobre o significado dos itens funcionais, como o artigo definido, que em geral consideramos óbvio. Se os falantes brigam pelo significado é pelo significado dos itens de conteúdo, como 'pessoa' ou 'terra improdutiva'.

A competência semântica transparece em qualquer enunciação. Na coleta espontânea, o pesquisador anota as sequências linguísticas em seus contextos de uso, nas conversas cotidianas, e, ao fazer isso, traça a correspondência entre os proferimentos que são realizados por sentenças e as situações de usos. Por exemplo, o falante profere 'O Pedro morreu.'. Pedro faz parte do fundo conversacional compartilhado com o ouvinte e o falante insere a informação de que aquele indivíduo morreu. O significado da sentença não se confunde com o que o falante quer dizer ao proferir aquela sentença naquele contexto. Ao afirmar que o Pedro morreu o falante pode querer veicular outras informações, por exemplo que ele está abalado ou não irá trabalhar. Esses significados para além do significado da sentença são do domínio da pragmática. A semântica se restringe a compreender como os falantes interpretam o significado das sentenças em contexto. A competência semântica de um falante permite a ele atribuir significado a qualquer sentença de sua língua, mesmo as mais criativas. Permite inferir e compor interpretações de interpretações infinitamente ('a mãe da mãe da mãe da mãe…').

Essa competência semântica transparece no comportamento linguístico do falante, mas trata-se de um conhecimento sobre o qual, em geral, ele não tem consciência, como já dissemos. Um falante de português sabe que a sentença (1a), proferida no contexto em que há um balde de rosas todas iguais (Figura 2) e com o falante apontando para uma das rosas, é ruim, embora a sentença seja gramatical. Já (1b) é boa. No entanto, ele pode não saber explicar porque ele tem essa intuição, não saber dizer o que o 'a', artigo definido, e o 'essa', pronome demonstrativo, dão de informação:

[7] Para introduções a semântica ver Chierchia (2003), Ferreira (2022), Quadros Gomes & Sanchez Mendes (2018), entre outros.

Figura 2 — Balde com todas as rosas iguais.



Fonte: Elaboração própria utilizando a ferramenta Chat GPT.

(1)
a. # Vou levar a rosa.
b. Vou levar essa rosa.

O questionário de Dayal explora esse tipo de conhecimento implícito para buscar detectar o significado dos sintagmas nominais. Há, sem dúvida, alguns inúmeros desafios. O teste acima mostra que o sintagma definido, em (1a), 'a rosa', não é feliz em contexto de anti-unicidade (Dayal & Jiang, 2023), isto é, um contexto em que há vários indivíduos do mesmo tipo. A sentença em (1a) não é aceita no contexto da Figura 2 porque a situação viola a pressuposição de unicidade carregada pelo artigo definido. O definido exige que haja um e apenas um indivíduo saliente no contexto com a propriedade em questão. O falante, ao rejeitar (1a) no contexto de anti-unicidade, mostra que tem esse conhecimento. Já o demonstrativo em (1b), 'essa rosa', é ótimo porque ele exige que o contexto tenha mais de um indivíduo do mesmo tipo. Ele é anti-unicidade. Se alteramos o contexto, as avaliações podem se alterar. Por exemplo, suponha que no contexto há um balde com várias flores, apenas uma rosa e o falante profere (1a) apontando exatamente para essa rosa. Nesse contexto, a sentença em (1a) é feliz. Note que a pressuposição de unicidade nesse segundo contexto está garantida. Trata-se do uso dêitico do definido.

Assim, o dado em semântica é a avaliação do falante sobre a felicidade (ou não) de usar uma dada sentença em um certo contexto. O contexto pode ser compreendido como o estado de conhecimento em que a conversa está ocorrendo.[8] Ao proferir uma certa sentença, o falante modifica o estado da conversa. Na coleta espontânea de dados, uma prática tradicional nas pesquisas etnográficas, os interlocutores, incluindo o pesquisador, compartilham esse conhecimento tácito da situação em que a sequência linguística está sendo usada. Esse é o ponto de partida dos linguistas antropológicos, como faz Silva (2005, 2011) para o Rikbaktsa. Mas é claro que essa metodologia enfrenta muitos desafios, como o significado de 'gavagai' no experimento mental que Quine (1960) discute. É preciso várias interações espontâneas, análise desses dados espontâneos e testagem de hipóteses levantadas a partir desses dados.

Coletar dados em semântica é desafiador e exige uma série de procedimentos metodológicos (Chelliah, 2001; Matthewson 2004, 2022), cujo objetivo é ajudar a diminuir outros efeitos de interpretação, como por exemplo, as implicaturas que surgem naturalmente, focando exclusivamente no que a sequência significa. Diferentes estratégias de elicitação são utilizadas para detectar o que as sentenças significam, como a explicação de situações utilizando a língua em comum, a solicitação da sentença correspondente a um certo contexto, a verificação de hipóteses a partir de sentenças

[8] Para uma definição mais precisa de contexto ver Stalnaker (1978) e Ferreira (2023) para uma introdução.

construídas pelo pesquisador, as traduções de sentenças e seu cotejo em diferentes contextos, os quadrinhos (*storyboards*), as fotografias e a construção de pequenas cenas teatrais, em que os falantes criam diálogos, entre outras estratégias. É sempre importante garantir avaliação do dado negativo[9], que não se encontra em nenhum corpus e nem na fala espontânea, e é crucial para entendermos a significação, como vimos no exemplo em (1) no contexto da Figura 2.

Uma outra estratégia, utilizada mais recentemente, são os questionários para coleta controlada. Essa metodologia foca em um certo fenômeno e procura levantar os principais testes da área sobre aquele fenômeno e então aplicar esses testes em diferentes línguas. Esse é um instrumento necessário se o objetivo é comparar línguas, porque o contexto se mantém o mesmo, permitindo observar como a significação está sendo veiculada nas diferentes línguas e buscar generalizações. Um exemplo dessa metodologia é Lima & Rothstein (2020) cujo objetivo é verificar a realização da distinção entre massa e contável e como essa distinção se manifesta nas línguas. O questionário controlado é também útil se aplicado a uma língua em particular, porque permite detectar rapidamente padrões gramaticais que já foram estudados pela literatura ou que são originais. Permite, por exemplo, responder perguntas sobre a tipologia da língua.

Essa foi a metodologia comum a todas as línguas do projeto, que adotou o questionário de Dayal (*forthcoming*) para a coleta. O questionário investiga a definitude e a genericidade focando as línguas nuas, isto é, que não têm artigos. Ele está dividido em quatro seções. A primeira investiga se a língua tem ou não artigos e se o sintagma é semanticamente plural. A segunda, se o sintagma denota a espécie. A terceira seção examina se o sintagma é definido e a última se é indefinido. Cada seção tem várias sub-seções, sendo no total 53 situações. Cada situação com no mínimo duas sentenças. Logo, gera mais de 100 sentenças em uma dada língua, acompanhadas por julgamentos.

4 A EXPERIÊNCIA RIKBAKTSA[10]

Na primeira etapa do projeto, a equipe estudou as questões teóricas que subsidiam o questionário, traduzindo os contextos para o Br, criando as sentenças, explicando sua função e como ele iria funcionar, salientando a importância do dado negativo, como mostramos para a sentença em (1). Percorremos um a um os contextos em português e, juntamente com o consultor/pesquisador indígena e com a ajuda de uma das pesquisadoras, montamos os contextos e as sentenças. A equipe trabalhou cada um dos contextos de forma a adaptá-los às situações cotidianas dos Rikbaktsa. Por exemplo, para testar a anti-unicidade, exemplificada na figura do balde de rosas, utilizamos uma fotografia, tirada pelo consultor, em que os homens estão manufaturando flautas. Há várias flautas, todas iguais. Incluímos na fotografia um apontamento para uma das flautas como uma maneira de ajudar a compreender as sentenças, como mostra a Figura 3:

[9] Ver Pires de Oliveira (2010) sobre a metodologia do dado negativo introduzido por Noam Chomsky.
[10] Projeto aprovado pelo comitê de ética, nº 69555923.4.0000.0121.

Figura 3 — Rikbaktsa produzindo flautas.



Foto: João Tsaputai.

Esse é o primeiro contexto da seção preliminar do questionário que avalia se na língua o demonstrativo ou o numeral estão em processo de gramaticalização e se o nominal é semanticamente plural. Assim, a diretriz é comparar o sintagma nu, isto é, sem determinante, ao sintagma com o demonstrativo e com o numeral 'um'. Considerando o contexto na Figura 3, e que o falante quer expressar que vai levar aquela flauta em particular para a qual ele está apontando. Nesse contexto, a ideia é comparar a sentença com o demonstrativo e a sentença sem o demonstrativo, como exemplificado abaixo:

(2)

a. # berekeze=ty my
flauta=enf aux.levar.1sg
'é flauta que eu vou levar'

b. ta=ty my berekeze=ty
essa=enf aux.levar.1sg flauta=enf
'é essa que eu vou levar, flauta'

Em (2) temos duas sentenças no mesmo contexto, uma sem o demonstrativo 'ta' (2a), e a outra com (2b). A coleta apresenta melhor desempenho quando realizada uma sentença por vez. Assim, foram primeiro levantadas as sentenças individualmente e, posteriormente, solicitado a avaliação no contexto. São duas sentenças gramaticais na língua, mas os contextos de uso são distintos. Por hipótese, se o sintagma nominal é aceito nesse contexto, então ele é aceito em situação de anti-unicidade. No cenário em (2), a sentença com o demonstrativo (2b) foi melhor aceita que a sem. Essa intuição precisa ser testada mais de uma vez, ainda que seja com um mesmo consultor. Essa é uma indicação de que o sintagma nominal nu, como ocorre em (2a), está se comportando como um definido e que o demonstrativo não está em processo de gramaticalização. É claro que um único teste, como exemplificado em (2), não é suficiente para detectarmos se uma dada expressão é ou não aceita em dado contexto. Por isso, em Dayal, há vários testes para uma mesma propriedade, como por exemplo ser ou não definido.

Esse traço de definitude do sintagma nominal nu transparece em outras situações, como por exemplo, na situação simétrica em que há unicidade, como é o caso do sol. A sentença em (3a) descreve a situação do sol, mesmo encoberto, está quente (Figura 4), contexto no qual a sentença com o demonstrativo (3b) não é aceita:

Figura 4 — Céu encoberto.



Foto: João Tsaputai.

(3)

a. haramyi tsi-zohãni-ẽ=ta
sol 3sg-estar.quente-pred=nf.sg
'o sol, ele está quente'

b. # ta haramyi tsi-zohãni-ẽ=ta
dem.nf.sg sol 3sg-estar.quente-pred=nf.sg
'este sol, ele está quente'

Essas poucas sentenças já mostram que há muito a ser compreendido sobre essa língua e estamos apenas na segunda das 53 situações do questionário. Foi realizada uma revisão de todo o questionário, coletando sentenças e avaliações, o que gerou um corpus de mais de 200 sentenças com contextos de uso. Percorrer o questionário mostrou que o sintagma nu, com ou sem morfologia de número, não carrega traço de definitude, nem de indefinitude, tampouco de genericidade[11]. E o sintagma sem a morfologia de número é semanticamente plural, nos termos de Dayal, como mostra o exemplo (4):

(4)

aro borohik-nahã
papagaio morder um ao outro
'papagaio bica um ao outro.'

Dentre as diferentes terminologias para esse fenômeno, pode-se dizer que o nominal é neutro para número ou que é semanticamente plural.

Os dados coletados também mostraram que essa língua parece não ter quantificação nominal universal e que a estrutura de genericidade é explicitamente predicativa, o que levantou uma série de questões teóricas e também mostrou que o questionário, tal como está, não é adequado para uma língua sem quantificadores nominais, por exemplo. O questionário é bastante extenso, o que exigiu várias sessões de coleta e de verificação das sentenças, além disso, foi preciso percorrê-lo mais de uma vez. Por fim, não conseguimos ainda organizar todos os dados coletados.

A segunda etapa de trabalho consistiu na revisão e na validação das intuições e dos dados levantados na etapa inicial, verificando a adequação ou não das sentenças às situações. Com isso, a equipe focou em alguns dos contextos e elaborou 22 cartões

[11] Como já havia detectado os trabalhos sobre a língua Karitiana (Müller & Bertucci, 2012, entre outros).

ilustrativos, representando os diferentes cenários presentes no questionário, cada um associado a um conjunto de proposições de uma lista de 45 sentenças em língua Rikbaktsa. Os contextos foram construídos utilizando diferentes recursos, desde fotografias tiradas pelo consultor na própria comunidade, como exemplificado nas figuras 3 e 4, até figuras ilustrativas disponíveis na plataforma *Canva*, utilizada para editar os cartões, como apresentado na Figura 5.

Figura 5 — Cartão 12 para representar a sentença sobre onças correndo.

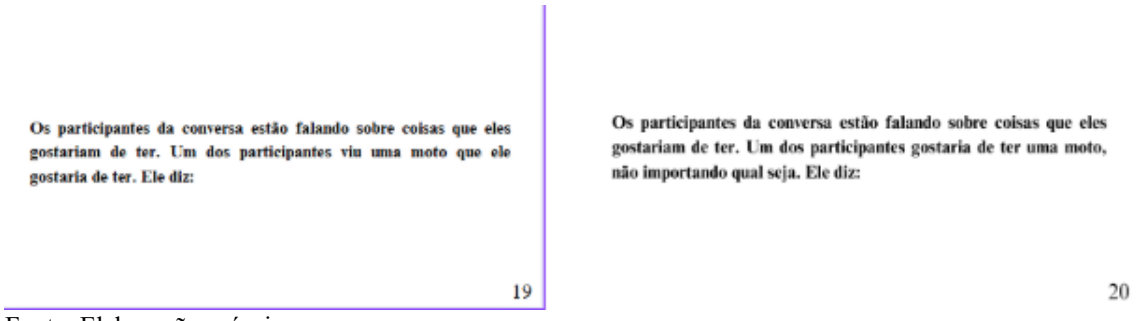


12

Fonte: Canva.

A coleta primária já havia mostrado que nessa língua não há quantificação nominal, como 'todos', e também que a negação é uma forma livre que antecede o verbo e funciona diferente do português, o que dificulta enormemente testar as relações de escopo que aparecem na Seção 4 do questionário, sobre os indefinidos. Testamos situações distintas, utilizando desenhos e com suporte discursivo. Por exemplo, com verbos intensionais como 'querer', criamos situações discursivas, como exemplificada abaixo nos cartões 19 e 20, figura 6:

Figura 6 — Cartões 19 e 20.



Fonte: Elaboração própria

Além dos 22 cartões, foi elaborada uma folha de consulta com as sentenças escritas na ortografia atual da língua. Essa folha foi utilizada pelo pesquisador-consultor nas entrevistas de diferentes maneiras. Nela são explicados os contextos de cada cartão e são apresentadas as sentenças associadas a ele. Cada cartão possui um número, como pode ser visto nas figuras 5 e 6, que era usado para localizar a explicação dos contextos e as respectivas sentenças na folha de consulta. Por exemplo, os cartões 19 e 20 (figura 6) são associados às sentenças abaixo. Não há na língua uma palavra para moto que é referida pela forma mais genérica, meio de locomoção, que originalmente se referia a canoa. Assim, em (5a) temos o nome nu *tsaraha* 'canoa' e em (5b) temos este nome com o numeral um, *stuba tsaraha* 'uma canoa':

(5)

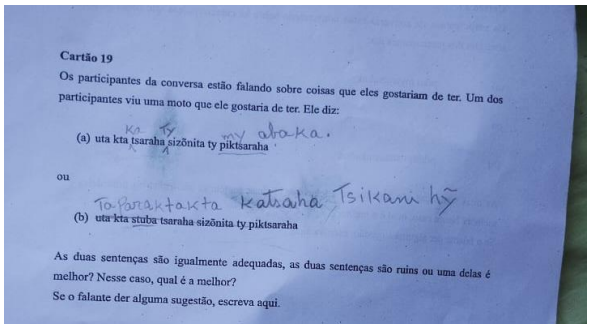
a. uta kta tsaraha sizõnita=ty Ø-p-ik-tsaraha
eu foc canoa ser.grande=enf 1suj-npas-1obj.sg-fazer.canoa
'e eu, eu vou me fazer (uma) canoa grande'

b. uta kta stuba tsaraha sizõni=ty Ø-p-ik-tsaraha
eu foc uma canoa ser.grande=enf 1suj-npas-1obj.sg-fazer.canoa
'e eu, eu vou me fazer uma canoa grande'

Na terceira etapa, o pesquisador-consultor conduziu uma pesquisa de campo através de sessões individuais, entrevistando falantes da comunidade, com o amparo do jogo de cartões e das sentenças. Durante as entrevistas, os cartões eram apresentados aleatoriamente ao participante. Em seguida, o consultor selecionava na folha de consulta as sentenças associadas àquele cartão e lia apenas uma da dupla de sentenças, que poderia ou não corresponder ao contexto ilustrado no cartão escolhido, indagando sobre a sua aceitabilidade. Em alguns casos, o consultor apresentou as duas sentenças e questionou qual era a mais adequada para a situação. O participante não poderia ler a sentença, mas poderia ouvir várias vezes, dar sugestões e justificar sua resposta se assim desejasse. Após a atividade com o cartão e a sentença escolhidos, estes eram retirados da rodada, um novo cartão era selecionado e o jogo de língua se reiniciava. Assim o participante avaliava novamente a compatibilidade entre a sentença e o contexto, podendo manifestar reações, propor correções ou sugerir reformulações. Todas as observações foram registradas pelo consultor.

Até o momento, foram realizadas duas entrevistas, mas conseguimos analisar apenas alguns momentos da primeira participante, uma falante idosa, bilíngue e não alfabetizada. A coleta foi realizada em mais de uma visita à participante em sua casa. As interações foram gravadas em vídeo e acompanhadas de anotações do consultor em tempo real. Abaixo temos um exemplo de reformulação proposta pela participante e escrita pelo consultor (cartão 19), e outro de marcação de aceitabilidade para as duas sentenças do cartão 14, figuras 8 e 9, respectivamente:

Figura 8 — Respostas para o cartão 19.


Cartão 19

Os participantes da conversa estão falando sobre coisas que eles gostariam de ter. Um dos participantes viu uma moto que ele gostaria de ter. Ele diz:

(a) uta kta tsaraha sizõnita ty piktsaraha

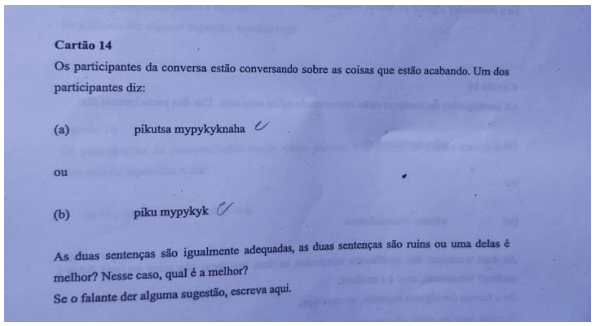
ou

(b) uta kta stuba tsaraha sizõnita ty piktsaraha

As duas sentenças são igualmente adequadas, as duas sentenças são ruins ou uma delas é melhor? Nesse caso, qual é a melhor?

Se o falante der alguma sugestão, escreva aqui.

Figura 9 — Respostas para o cartão 14.


Cartão 14
Os participantes da conversa estão conversando sobre as coisas que estão acabando. Um dos participantes diz:

(a) pikutsa mypykyknaha

ou

(b) piku mypykyk

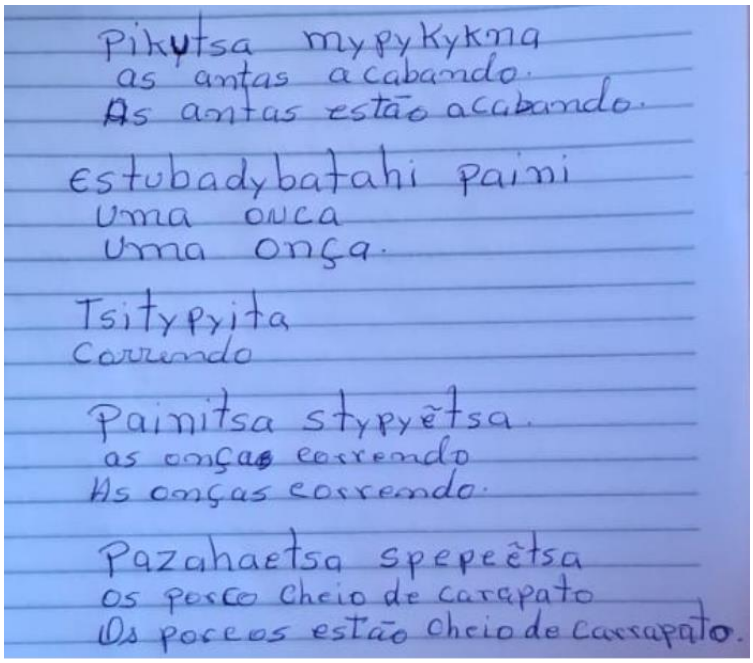
As duas sentenças são igualmente adequadas, as duas sentenças são ruins ou uma delas é melhor? Nesse caso, qual é a melhor?
Se o falante der alguma sugestão, escreva aqui.

Fotos: João Tsaputai.

Vale ressaltar que as correções realizadas no cartão 19 e a marcação de acerto para as duas sentenças no cartão 14 exemplificam uma importante contribuição metodológica deste artigo: a pesquisa de campo falante-falante, que criou na comunidade um espaço de interlocução sobre a língua na própria língua.

Na quarta etapa de trabalho, alguns dos dados coletados com os participantes da etapa anterior foram levados à escola para serem transcritos por professores da língua, em colaboração com os alunos, em contexto de sala de aula, conforme mostra a imagem abaixo. Esse processo gerou novos dados e reflexões, enriquecendo ainda mais o corpus da pesquisa.

Figura 10 — Atividade realizada em sala de aula.


Pikutsa mypykykna
as antas acabando.
As antas estão acabando.

Estubadybatahi paini
Uma onca
Uma onça.

Tsitypyita
Correndo

Painitsa stypyètsa.
as onças correndo
As onças correndo.

Pazahaetsa spepeètsa
os porco cheio de carapato
Os porcos estão cheio de carrapato.

Foto: Tsaputai.

Na folha de caderno de uma aluna do 6° ano, vemos uma sentença com predicado de extinção, uma sentença episódica e uma genérica, acompanhadas de suas traduções para o português

Nesta seção apresentamos uma descrição das etapas da coleta em Rikbaktsa, tendo como ponto de partida o questionário de Dayal (prelo) e sendo utilizadas diferentes metodologias durante o processo. O primeiro momento caracterizou-se por percorrer o questionário, traduzindo os contextos e elaborando as sentenças e suas avaliações nos

contextos. Como resultado foi gerado um corpus com mais de 200 sentenças, muitas ainda não analisadas pela equipe, e foi proposto um perfil sobre a definitude e a genericidade nessa língua. A segunda etapa foi uma análise mais fina da relação entre as sentenças e as situações de fala, com a elaboração de um jogo de cartões, acompanhado por um conjunto de sentenças relacionadas aos contextos ilustrados nos cartões. A terceira etapa foi a pesquisa de campo realizada pelo consultor na comunidade com o apoio do jogo de cartões e das sentenças correspondentes. Finalmente, as sentenças foram levadas para a escola como material para ensinar a língua e sua gramática.

5 RESULTADOS

Aqui faremos uma análise crítica do percurso até o momento. É importante considerar que ainda estamos na fase de análise dos dados da etapa três, ainda não trabalhamos com a etapa quatro e mesmo os dados primários não foram analisados completamente. No entanto, nossa avaliação é bastante positiva em vários aspectos. Com relação ao questionário, avaliamos que a sua aplicação permitiu criar um *corpus* que pode ser base para novas contribuições. Além disso, forneceu um perfil da língua, permitindo classificá-la tipologicamente; levantou novas questões semânticas e mostrou que ele tem limitações. Com relação à experiência de coleta em semântica, além da aprendizagem em pesquisa de campo, entendemos que o principal resultado é a metodologia de coleta falante-falante, que proporcionou uma atividade metalinguística na comunidade, em que a língua se tornou objeto de atenção e de reflexão. Essa atividade metalinguística foi então levada para a escola, mostrando que a pesquisa feita pelos falantes pode ser aplicada em diferentes cenários e com diferentes fins de maneira a contribuir diretamente para a comunidade.

Como dissemos, a aplicação do questionário gerou um *corpus* da língua com mais de 200 sentenças. Muitas das situações levantadas no questionário não tinham sido descritas na literatura sobre a língua, e tampouco havia dados sobre elas. Trata-se, portanto, de dados e análises originais. Por exemplo, do que pudemos investigar na escassa literatura sobre a língua, não havia dados sobre sentenças genéricas ou com predicados de espécie, como é o caso da situação descrita no cartão 14, na figura 9, em que foi avaliada a aceitabilidade das duas sentenças abaixo, elaboradas na primeira etapa pelo consultor.

(6)

a. piku-tsa Ø-my-py=kyk=naha[12]
anta-nf.pl 3suj-n.pas-acabar=cont=pl.suj
'antas estão acabando'

b. piku Ø-my-py=kyk
anta 3suj-n.pas-acabar=cont
'anta está acabando'

Na entrevista, a participante relatou que as duas formas são boas e o consultor anotou sua avaliação com a marca de acerto na folha de resposta. Esse resultado indica que, nessa língua, a expressão da espécie pode ser feita tanto pelo nome na forma plural *pikutsa* 'antas',em (6a), quanto na forma singular piku 'anta', sem morfologia (6b), embora, na entrevista, como relatado pelo consultor, eles chegam à conclusão de que a sentença em (6b) é melhor naquele contexto.

[12] Na fase de coleta primária, testamos o verbo pyk 'acabar' com nome próprio para nos certificarmos de que é um verbo de espécie.

Percorrendo todos os contextos compreendidos no questionário, entendemos um pouco mais sobre a gramática dessa língua, em especial sobre o sintagma nominal, mas não só. Da perspectiva dessa língua a marcação morfológica de definitude no sintagma nominal não é um universal morfológico. De fato, aqui, a distinção definido, indefinido e genérico não é veiculada pelo sintagma nominal, como já havia sido mostrado para o Karitiana (Bertucci & Müller, 2012). Já mostramos exemplos de usos definidos do singular nu, abaixo (7) traremos um exemplo de uso indefinido. Esse é o teste da contação de história, que inicia a Seção 4 do questionário, sobre sintagma nominal e indefinido:

(7)

taparaka	ypykyhy	ta-hodighodigwy=eze	Ø-rik-napy=kyk
antigamente	anciã	pos.cor-aldeia=ines	3sg-pas-morar=cont

'Era uma vez uma anciã que morava na aldeia dela…'

A literatura considera que, em línguas como o Br e o Inglês, se inicia a contação de história introduzindo os indivíduos através de um artigo indefinido. Em Rikbaktsa, o nome singular nu exerce tanto a função de definido, quanto de indefinido e denota a espécie. Há duas maneiras de entendermos essa descrição: o sintagma é ambíguo ou o sintagma é indeterminado. Voltaremos a isso mais adiante.

Embora, na terminologia de Dayal, o nome sem morfologia possa ser semanticamente plural, como vimos em (4), ele também ocorre em contextos bloqueados para o plural, como os contextos de unicidade, em (3), em que o referente é um único indivíduo (o sol). Ocorrem ainda em contextos de processos morfológicos (8) e com verbos psicológicos como 'ter.medo.de' (9).

Em (8a), o nome *pepe* 'carrapato' aparece como núcleo do predicado 'ter.carrapato', graças ao predicativizador '-ẽ', bastante produtivo na língua. E (8b) mostra que, no contexto deste tipo de predicado, o nome não admite morfologia de plural:

(8)

a.

pazahae-tsa	si-pepe-ẽ=tsa
porco-nf.pl	3pl-ter.carrapato-pred=nf.pl

'porcos têm carrapato.' (litt.: porcos, eles são carrapazentos)

b. *Pazahaesa spepetsaẽtsa

pazahae-tsa	si-pepe-tsa-ẽ=tsa
porco-nf.pl	3pl-ter.carrapato-nf.pl-pred=nf.pl

Em (9a), o nome *pyryhyk* 'cobra' aparece como objeto da posposição evitativa *pokso*, formando com ela o complemento do predicado *kapybyẽta* 'ter.medo'.

(9)

a.

uta	pyryhyk	pokso	ka-pyby-ẽ=ta
eu	cobra	evit	1sg-ter.medo-pred=nf.sg

'eu, eu tenho medo de cobra'

Nesses contextos, o nome não admite marca de plural, como vemos em (9b):

b.

*uta	pyryhyk-tsa	pokso	ka-pyby-ẽ=ta
eu	cobra-nf.pl	evit	1sg-ter.medo-pred=nf.sg

Com os verbos intencionais, como no exemplo em (5), de acordo com a coleta primária, esperávamos que no contexto descrito no cartão 19, a sentença com o sintagma

nu em (5a) fosse rejeitada, porque no contexto há uma canoa que ele quer comprar. Descritivamente, por hipótese, o singular nu teria apenas escopo estreito. No entanto, embora a participante tenha reelaborado a sentença, como pode ser visto em (10), ela apenas acrescenta o auxiliar seguido de advérbio *my abaka*, 'ele diz agora', que provavelmente indica evidencialidade:

(10)

uta	kta ka	tsaraha=ty	sizõnita=ty	Ø-p-ik-tsaraha
eu	foc enf	canoa=enf	ser.grande=enf	1suj-npas-1obj.sg-fazer.canoa

my	abaka
aux.fazer/dizer	agora

'agora, ele disse 'e eu, eu vou comprar uma moto grande para mim'
'litt.: 'e eu, eu vou me fazer uma canoa grande[13], ele disse agora'

De qualquer modo, a reelaboração de (5a) falsifica a hipótese de que o nominal nu teria apenas leitura de escopo estreito. Logo, o sintagma nominal é livre para entreter diferentes tipos de escopo, como é o caso com os indefinidos no Inglês e no Br.

Como vimos na figura 8, a entrevistada rejeitou a sentença em (5b), com o numeral *stuba*'uma' (canoa) e construiu outra sentença, que responde à situação descrita indiretamente. Esse é um caso interessante porque é preciso entender a razão pela qual ela rejeitou a sentença com o numeral e porque finalmente mostra como ela está interpretando a relação entre a sentença e o contexto, já que a participante parece adotar o ponto de vista do personagem da história, que já sabe qual moto ele vai comprar e justificar, do ponto de vista dele, já que usa o possessivo de primeira pessoa singular, a razão para ele estar assim disposto:

(11)

taparakta	kta	ka-tsaha	tsikani	hỹ
antigamente	foc	1poss.sg-canoa	ser.pequeno	afir

'antigamente, minha canoa era pequena'

Essa pequena amostra deixa claro que a aplicação do questionário permitiu perceber propriedades importantes da gramática dessa língua, levantar um corpus de sentenças que podem ser manipuladas e de questões semânticas originais. Mostrou ainda, na perspectiva dessa língua, que a definitude e a genericidade não são veiculadas pelos sintagmas nominais nus, que não há quantificador nominal universal, e, finalmente, mostrou que, embora o singular nu tenha propriedades de pluralidade, ele não tem a mesma distribuição do plural nu.

Da terceira etapa da coleta em diante, a participação da comunidade Rikbaktsa assumiu um papel ainda mais direto e significativo no desenvolvimento da pesquisa. Um ponto de destaque dessa fase foi a adoção da metodologia falante-falante, realizada quando o consultor conduziu as entrevistas diretamente junto aos membros de sua comunidade. Essa abordagem metodológica, ainda pouco explorada na literatura, revelou-se não apenas inovadora, mas também altamente produtiva.

Ao permitir que o falante da língua assumisse a mediação da coleta, a metodologia falante-falante criou um espaço de diálogo mais horizontal, no qual os participantes não eram apenas fontes de dados, mas também agentes ativos na análise e interpretação de sua própria língua, como foi o caso relatado na análise do cartão 19, em que a participante

[13] Canoa aqui é utilizado como meio de transporte em geral.

atuou ativamente, não apenas rejeitando ou aceitando sentenças, mas criando sentenças, mostrando que, para expressar o desejo com um objeto específico, a melhor estratégia é acrescentar um tipo de evidencial. A interação entre o consultor e os demais falantes envolveu não apenas a elicitação de sentenças, mas também discussões sobre sua aceitabilidade, adequação contextual e possíveis reformulações, revelando um grau elevado de engajamento metalinguístico. Esse tipo de interação contribui para uma reflexão crítica e consciente sobre os fenômenos linguísticos da língua, promovendo um notável aumento da consciência metalinguística, assim como o desenvolvimento de habilidades metacognitivas relacionadas à gramática e ao uso da língua. Em outras palavras, os participantes passaram a observar e refletir sobre sua própria língua de maneira mais sistemática e analítica, o que contribui para o fortalecimento de sua autonomia linguística e, potencialmente, para processos de revitalização e ensino da língua. Essa experiência sugere que metodologias colaborativas e centradas no falante podem ser particularmente valiosas em contextos de documentação e descrição de línguas, especialmente quando envolvem línguas indígenas ou em situação de risco.

6 CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa contribuíram para um aprofundamento da nossa compreensão sobre a gramática do Rikbaktsa, especialmente no que se refere à expressão da definitude e da genericidade, que não haviam sido documentadas até o momento. Ela falseia a hipótese de que a definitude e a genericidade sejam morfologicamente marcadas no sintagma nominal. O sintagma nu tem função definida, indefinida e nomeia a espécie. O mesmo vale para o plural nu. Ambos são semanticamente plurais, o que exige uma melhor compreensão. Tem interpretação tanto com escopo amplo quanto estreito. Há aqui uma questão semântica importante sobre a forma lógica desse sintagma — seria ambiguidade ou polissemia.

A experiência trouxe à luz muitas características da língua, além de construir um corpus de dados significativo. Ademais, também evidenciou a importância de metodologias colaborativas no trabalho linguístico. A participação ativa dos falantes não apenas enriqueceu a análise, mas também despertou reflexões sobre a própria língua, promovendo a consciência metalinguística. Esse processo abriu caminhos para a aplicação do conhecimento linguístico no contexto escolar indígena. A sistematização da gramática pode subsidiar a produção de materiais didáticos e fortalecer o ensino bilíngue, ao mesmo tempo em que aproxima ciência e comunidade. Levar para a escola os resultados da pesquisa é, portanto, uma forma concreta de devolução e valorização da língua, transformando o conhecimento em ferramenta de autonomia e fortalecimento cultural. Esse é um exemplo de como a pesquisa básica pode reverter positivamente para a comunidade.

A etapa inicial foi a coleta direta através de tradução de sentenças do Br adaptadas à comunidade, realizada pelo consultor e pela pesquisadora que é falante da língua, e da elicitação de sentenças na língua a partir da descrição das situações. Essa atividade resultou em uma lista de sentenças em Rikbaktsa acompanhadas por avaliações sobre a sua felicidade em situações efetivas de uso. A segunda etapa foi a criação de um jogo de aceitabilidade entre sentença e situação, em que a sentença pode ou não ser adequada. A terceira etapa foi a coleta de campo realizada pelo consultor com o apoio do jogo com falantes na comunidade. Essa etapa é o foco deste artigo, embora os dados ainda estejam em fase de análise. A quarta foi levar os dados coletados pelo consultor com os falantes para a escola. A última seção do artigo avalia a experiência. Mostra que as diferentes etapas permitiram a criação de uma base de dados sobre a gramática da língua Rikbaktsa, uma avaliação crítica do questionário de Dayal (*forthcoming*) e uma metodologia frutífera

de coleta que pode reverter positivamente para a comunidade. O trabalho de campo realizado pelo consultor com o auxílio do jogo em sua comunidade com outros falantes da língua permitiu não apenas avaliar hipóteses sobre a gramática da língua, mas, acima de tudo, foram momentos de interação entre os falantes conversando sobre a língua, que se torna o objeto de atenção e reflexão. Estabeleceu-se dessa forma uma atividade metalinguística, favorecendo a consciência sobre a gramática daquela língua, o que tem efeito positivo (Franchi 2011, Maia, 2019).

ABREVIAÇÕES

pl — plural	sg — singular	obj — objeto
nf — não fêmea	npas — não passado	cont — continuativo
pas — passado	suj — sujeito	pred — predicalizador
enf — enfático	nlz — nominalizador	1 — primeira pessoa
3 — terceira pessoa	litt. — literalmente	poss. — possessivo
foc — focalizador	afir — afirmativo	dem — demonstrativo

REFERÊNCIAS

CHELLIAH, S. L. The role of text collection and elicitation in linguistic fieldwork. *In:* NEWMAN, P.; RATLIFF, R. (ed.). *Linguistic fieldwork.* Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 152-165.

CHIERCHIA, G. Mass vs. count: where do we stand? Outline of a theory of semantic variation. *In:* KISS, T.; PELLETIER, J.; HUSIC, H. (ed.). *Things and stuff: the semantics of the count-mass distinction.* Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

CHIERCHIA, G. *Semântica.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DAYAL, Veneeta. Identifying (in)definiteness: a questionnaire. In: DAYAL, Veneeta. A Hitchhiker's Guide to (In)definiteness: Case Studies in Bare Argument Languages. Cambridge: MITPress, forthcoming.DAYAL, V.; JIANG, L. J. The puzzle of anaphoric bare nouns in Mandarin: a counterpoint to index! *Linguistic Inquiry,* v. 54, n. 1, p. 147-167, 2023. DOI: https://doi.org/10.1162/ling_a_00433. Disponível em: https://direct.mit.edu/ling/article/54/1/147/102421/The-Puzzle-of-Anaphoric-Bare-Nouns-in-Mandarin-A. Acesso em: 19 ago. 2025.

DELLAI, É. M.; ERN, V. M. J.; SILVA, L. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R.; RACHADEL, B. M.; DE SOUZA, B. M. A distinção massa e contável na gramática Rikbaktsa (Macro-Jê). *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas,* Campinas, v. 21, n. 00, p. 1-18, 2021. DOI: https://doi.org/10.20396/liames.v21i00.8661408. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8661408. Acesso em: 29 ago. 2024.

DURANTI, A. *Antropologia linguística.* Madrid: Ediciones AKAL, 2000. 544 p.

FERREIRA, M. *Pragmática:* significado, comunicação e dinâmica contextual. São Paulo: Contexto, 2023.

FERREIRA, M. *Semântica:* uma introdução ao estudo formal do significado. São Paulo: Contexto, 2022.

FRANCHI, C.; FIORIN, J. L.; ILARI, R. *Linguagem --- atividade constitutiva:* teoria e poesia. Organizadores: Eglê Franchi, José Luiz Fiorin. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

HEIM, I. File change semantics and the familiarity theory of definiteness. *In:* PORTNER, P.; PARTEE, B. *Formal semantics: the essential readings.* Malden: Blackwell, 1981. p. 223-248.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indígenas.* Rio de Janeiro: IBGE, c2025. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2.html. Acesso em: 12 abr. 2025.

LIMA, S. *Numerals and the universal packager in Yudja* (Tupi). *In:* SULA 6: PROCEEDINGS OF THE SIXTH CONFERENCE ON THE SEMANTICS OF UNDER-REPRESENTED LANGUAGES IN THE AMERICAS AND SULA-BAR. Manchester, 2012.

LIMA, S.; ROTHSTEIN, S. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. *Linguistic Variation,* v. 20, n. 2, p. 174-218, 2020. DOI: https://doi.org/10.1075/lv.00015.lim.

MAIA, M. (org.). *Psicolinguística e metacognição na escola.* Campinas: Mercado das Letras, 2019. ISBN 978-85-7591-589-9.

MATTHEWSON, L. On the methodology of semantic fieldwork. *International Journal of American Linguistics,* v. 70, n. 4, p. 369-415, out. 2004.

MATTHEWSON, L. Semantic fieldwork: how experimental should we be? *Semantic Fieldwork Methods,* v. 4, n. 2, article 10, 2022.

MÜLLER, A.; BERTUCCI, R. Sintagmas nominais nus expressa a distinção definido vs indefinido?: o caso do Karitiana. *In:* PIRES DE OLIVEIRA, R.; PERUCHI MEZARI, M. *Nominais nus, um olhar através das línguas.* Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 149-184.

PIRES DE OLIVEIRA, R. A linguística sem Chomsky e o método negativo. *ReVEL,* v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 5 maio 2025.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; SILVA, L. J.; TSAPUTAI, J.; LOCH DE OLIVEIRA, H.; MACHADO SERAFIM, L. A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma. *Revista Linguística,* Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 140-159, 2024. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2024.v20n3a65387.

QUADROS GOMES, A. P.; SANCHEZ MENDES, L. *Para conhecer:* semântica. São Paulo: Contexto, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2018n46a1158.

QUINE, W. V. O. *Word and object.* Cambridge: MIT Press, 1960.

SANCHEZ-MENDES, L. Trabalho de campo para análise linguística em semântica formal. *Revista Letras,* v. 90, n. 2, p. 277-293, set. 2014.

SILVA, L. J. *Aspectos da fonologia e da morfologia da língua Rikbaktsa.* 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SILVA, L. J. *Morphosyntaxe du Rikbaktsa:* Amazonie brésilienne. 2011. 384 f. Tese (Doutorado em Sciences de langage) – Universite Denis Diderot, Paris, 2011.

SILVA, L. J.; MACHADO SERAFIM, L.; LOCH DE OLIVEIRA, H.; TSAPUTAI, J. A expressão de gênero em pronomes plenos do Rikbaktsa (Macro-Jê). 2024.

SIMÃO, D. *Estudo piloto sobre escopo intermediário no português brasileiro.* Em preparação.

STALNAKER, R. Assertion. *In:* COLE, P. (org.). *Syntax and semantics,* v. 4. Nova Iorque: Academic Press, 1978. p. 315-332.

TREMAINE, S. *Dicionário:* Rikbaktsa–Português, Português–Rikbaktsa. Cuiabá: Associação Internacional de Linguística (SIL Brasil), 2007.

Recebido: 21/5/2025
Aceito: 18/9/2025
Publicado: 17/10/2025